

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP
CURSO EM LICENCIATURA EM LETRAS

Parintineida: Heranças greco-romanas

“Origem dos Mitos”

RAFAELA PEREIRA ANDRADE

ORIENTADOR DOUTOR WEBERSON FERNANDES GRIZOSTE

Parintins

2017

RAFAELA PEREIRA ANDRADE

Parintineida: Heranças greco-romanas

“Origem dos Mitos”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de licenciatura em letras, da Universidade do Estado do Amazonas, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador:

Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste

Parintins-Am

2017

RAFAELA PEREIRA ANDRADE

PARINTINEIDA: HERANÇAS GRECO-ROMANAS. “ORIGEM DOS MITOS”

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de licenciado em
Letras pela Universidade do Estado do
Amazonas.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste (CESP-UEA)
(Orientador)

Profº. MsC. Dilce Pio Nascimento (CESP-UEA)
(Examinador Interno)

Profº. Ms. Renner Douglas Gonçalves Dutra (CESP-UEA)
(Examinador Interno)

*Com a saga de testemunhos orais e escritos,
Enfim, por nossas viagens imaginárias,
Dos viajantes que, aqui, passaram e aportaram.
Amazônia folclórica e lendária.*

(Alfredo Saunier)

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser meu alicerce espiritual e pela principal razão da minha existência e vitórias conquistadas

À universidade e todo o seu corpo docente, pois através deste hoje semelho para um triunfo superior.

Ao meu orientador Weberson Fernandes Grizoste, pelo total suporte em minha pesquisa e principalmente pelo incentivo e paciência.

Aos meus pais, Geanne Souza e Naldo Andrade e ao meu irmão Felipe Andrade pelo amor, ajuda e incentivo incondicional.

À todos, amigos e professores que fizeram parte durante o meu decorrer acadêmico, seja direto ou indiretamente. Obrigada.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao professor orientador Dr. Weberson Fernandes Grizoste

Minha família, mãe Geanne Souza, pai Naldo Andrade, irmão Felipe Andrade e namorado Igleson Pimentel, que estiveram comigo me apoiando e me incentivando durante meu decorrer acadêmico para que esta etapa fosse concluída.

Aos meus avós, Jandira Souza, Raimunda Andrade, Acilonildo Pereira e em especial à Julires de Souza que nesta terra não se encontra, dedico todo amor e educação que recebi, pois é através dessa mulher que me faz renascer todos os dias para encontrar força e fé e continuar uma jornada árdua que futuramente terá vitória. Amo imensamente essa família.

Aos meus amigos da faculdade Carlina Nogueira, Rosane Xavier e especialmente Fernanda Macedo.

E aos professores que não mediram esforço para me ajudar quando estive com dificuldade. Através deles levo um pouco de cada que fará parte da minha essência quanto profissional.

RESUMO

O trabalho presente tem por objetivo analisar resquícios greco-romanos na mitologia amazônica presente na obra “Identidade Cabocla” de Alfredo Saunier, dentre elas investigarem a origem dos mitos para dar jus às lendas com a finalidade de um reflexo em função ao homem contemporâneo e fazer referência ao sagrado como resultado de um princípio e orientação meio aos costumes culturais. Como referencial teórico principal estão Cascudo, Eliade, Krüger e Pouzadoux, fundamentos dentro do mito e literatura, colonização e filosofia acerca da formação cultural. Mito e lenda, hoje são vistos como uma forma de orientação no meio de acontecimentos que o ser humano vive. Na qual o estudo se baseia na metodologia de natureza qualitativa com tipo de pesquisa bibliográfica cujo objeto de estudo tem procedimento monográfico em abordagem teórica e técnicas de pesquisa hipotéticas dedutivas. Obtendo resultados satisfatórios com relação a pesquisa sobre a questão em referência as suas relevâncias práticas perante a sociedade, trazendo a tona, como o nascimento do eixo principal, o sagrado, que desde a Grécia Antiga e Roma tratam da religião como resultado da produção de um princípio mágico que está presente nos costumes cotidianos dos homens.

Palavras-chave: Mito, lenda, religião, homem contemporâneo.

Abstract

The present work aims to analyze Greco-Roman remnants in Amazonian mythology present in the work "Identity Cabocla" by Alfredo Saunier, among them investigate the origin of myths to justify the legends with the purpose of a reflection on contemporary man and do reference to the sacred as a result of a principle and orientation to cultural customs. As main theoretical reference are Cascudo, Eliade, Krüger and Pouzadoux, foundations within myth and literature, colonization and philosophy about cultural formation. Myth and legend, today are seen as a form of orientation in the midst of events that the human being lives. In which the study is based on the methodology of qualitative nature with type of bibliographic research whose object of study has a monographic procedure in theoretical approach and hypothetical deductive research techniques. Getting satisfactory results with regard to research on the issue in reference to its practical relevance to society, bringing out the foreground, such as the birth of the main axis, the sacred, which from ancient Greece and Rome deal with religion as a result of the production of a magical principle that is present in the daily customs of men.

Keywords: Myths, legend, religion, contemporary man.

Sumário

Introdução	10
Capítulo I - Raízes greco-latinas na cultura brasileira	14
Capítulo II – Raízes greco-romanas nas lendas Amazônicas na “Identidade Cabocla” de Alfredo Saunier.....	20
Capítulo III – Lendários Amazônicos e a exaltação das palmas e nos cantos: Folclore Amazônico-Parintinense.....	24
3.1. Lendário/Mitológico	26
3.1.1. Cobra-grande	26
3.1.2. Caipora	29
3.1.3. Yara/Mãe D’água	30
3.1.4. O boto	32
3.1.5. As Amazonas/Icamiabas.....	34
3.2 Folclore.....	38
3.2.1. Pastorinhas.....	38
3.2.2. Quadrilhas.....	41
Considerações Finais	43
Referências Bibliográficas.....	45

Introdução

A temática “Parintineida: heranças greco-romanas” têm como ponto de partida uma discussão analítica sobre o passado como legado ao presente-futuro parintinense. “Parintineida” é um poema de Alfredo Saunier que surge da análise para uma ligação do passado com o presente, na qual liga a Parintins à “Eneida” de Virgílio. O forte duplê “Parintin(s)-(en)eida” compõe uma só união que é visível ao que se funde a essas heranças vividas. Realizando um tripé entre o passado, o futuro e a raiz dos mitos.

O presente trabalho inicia com um estudo etnográfico cultural sobre as *Origens do Mito*, trazendo desde o berço da antiguidade grega até a contemporaneidade amazonense; apontando as principais características da mitologia greco-romana até chegar ao conjunto cultural dos lendários e mitológicos amazônicos que são representados na cultura Parintinense, incluindo as toadas, as danças, e brincadeiras do folclore popular.

Embora a evolução do mito seja vista em vários lugares. A representação é feita de diversas formas, como se caracteriza “diferente”. O mito por estar em um sistema não estático sofre alterações, manifestando-se nas lendas, crenças, religiões e movimentos culturais de forma geral. “A maioria dos mitos gregos foi recontada e, conseqüentemente, modificada, articulada e sistematizada (...) sob influência de outras culturas superiores” (ELIADE, 1994, pág.10). É a partir dessa perspectiva em relação ao “contemporâneo” que é encontrado nesses grupos tradicionais a ligação das manifestações mitológicas e lendárias.

Lendas e mitos que são apresentadas no mundo do folclore, música popular, crença, contos e conhecimentos populares; até vir à tona para o eixo principal, que está na poesia, à revelação de uma diferenciação regional das tradições. É no brincar da trajetória do homem que é estabelecido a transformação de um viver faceiro dos elementos surreais e experiências de mundo. O próprio poeta dá-nos uma dimensão da poética cabocla acerca do imaginário lendário-mitológico no poema “Utopia Cabocla”.

Utopias, estórias,
mitos e lendas...
Produto da imaginação.
quimera, fantasia.
O caboclo vive de utopia,
acredita em seres sobrenaturais.
Em tudo que conta sempre fantasia.
Tem o poder de criar e recriar,

Como as águas.
(SAUNIER, 2013, p.40)

A recepção desses legados greco-romanos a Parintins tem como ideia central o fator de heranças culturais e com uma manta de pluralidades. A mescla também está presente no mito quando ele parte vindo da ideia coletiva ou individual de outros povos. Eles são metamorfoseados e trazidos desfigurados conforme as atualizações do passar do tempo.

Esse trabalho surge com o intuito de desvendar o mistério evolutivo do mundo do mito mediante as manifestações e alterações culturais pouco perceptíveis. Cujo será abordado de forma instigante e encantadora na concepção sobre uma trajetória dessa transição mitológica durante os anos. É através de todo esse processo histórico-cultural que se intensificam o “popular” nas vertentes de seus sentidos e significados. O povo brasileiro, especificamente o amazonense, cultua na valorização local/regional a importância de uma travessia do antes para o agora.

Na atualidade o mito é exaltado e se faz recorrente na Literatura Amazonense, desse arcabouço apresentaremos o escritor-poeta contemporâneo Alfredo Saunier com a obra “Identidade Cabocla”, cuja analisamos durante a pesquisa e com base na literatura fantástica que está por vez dentro da mitologia e outros tipos de aventuras das particularidades do maravilhoso. Tendo em vista que a literatura fantástica transforma elementos tecnicamente sobrenaturais em natural e que se apresentam nas narrativas, contos e poesias.

Por isso os mitos e lendas fazem parte desse mundo que não é apenas um exemplo de como esse cenário de fundo é visto na Literatura Amazonense. Conforme Trindade e Laplatine (1997) “a imaginação tornou-se o caminho possível que nos permita não apenas atingir o real, como também vislumbrar as coisas que possam vir a tornar-se realidade”. Em realidade, o ficcional é o elemento que se torna extra-especial por estar acima da realidade. (TRINDADE, LAPLATINE. pág.01, 1997). Porém, há também a intertextualidade no que é viver o imaginário literário dentro do conhecimento das várias vozes “antigas”. Ou seja, é o trazer para a realidade tudo que pode ser vista no imaginário.

Essas vozes são repassadas e ouvidas para mim quando criança, e trago como um dos atributos dentro desse estudo proposto. Através de relatos orais de avós e tias,

encontro um meio para trabalhar aspectos que desde criança já se fazia parte e influenciava dentro da minha vida, de uma forma atraente trago esses relatos conforme meu entendimento de vivência.

Tradicionalmente os mitos e as lendas são relatos transmitidos pelos mais velhos à comunidade, que, de alguma forma, trazem experiências históricas ou de fato a fantasia. Tendo em vista que o mito também tem seu papel educativo-civilizador e principalmente como papel do homem velho em zelar para que a integridade de sua comunidade seja preservada.

O mito teoricamente é apenas uma ilusão que faz parte do cotidiano de uma população, na qual, são apresentados por fatos reais ou apenas personagens que fazem parte da imaginação humana. A partir do que se foi dito, tanto as representações que surgem do inconsciente humano, que são os elementos sobrenaturais, assim também é com os fatores reais. Visto que são características que tem uma função para o meio de transformação.

Conforme o entendimento é idealizado em variados tipos de representação, não só de fatos históricos como também de pessoas que remetem a um significado para certa população. “O imaginário em liberdade, rompe os limites real, consiste na explosão que propicia o início de uma nova época ou apenas um tempo efêmero e extraordinário de uma festa;” (TRINDADE e LAPLATINE. pág.01, 1997).

Partindo dessa liberdade sem limites que nasceu na Grécia Antiga e hoje fazem parte dos cotidianos atuais, dando sequência a essa explosão que propicia o início de cada época. É o renascer das tradições que o imaginário transborda no mundo das lendas e mitos de uma sociedade.

Sendo através dessa união sobre o que vem ser uma cultura baseada em seus conhecimentos empíricos e científicos que se atrela e se permeia na vida dos indivíduos, como uma forma de necessidade para o ser humano ter e manter uma cultura viva.

Capítulo I

Raízes greco-latinas na cultura brasileira

O mito é nada que é tudo

(Fernando Pessoa)

É notório que a cultura greco-latina faz-se presente na cultura brasileira, pois, foi através da mesma que nasceu e se desenvolveu em todo seu aspecto cultural. Foi através de todo um processo de colonização do Império Romano assimilando com influências para a língua e cultura latina passando para Portugal que em seguida colonizando o Brasil deixando para a cultura traços marcantes de raízes greco-romanas mescladas com originalidades do homem americano.

Conforme Pouzadoux (2001) no livro *Contos e lendas da mitologia grega*. “No contexto da cultura grega, os mitos foram delimitados entre o século IX a.C e século VI d.C, isto é, puderam ser escritos e alegorizados” (pg.11). Esse contexto greco-romano corresponde a Portugal sendo então colonizado trazendo essas heranças que foi conquistada na Grécia pelas letras.

“O mito perdendo suas características por influência de uma nova ordem econômica e a literatura ganhando nova roupagem pela busca de uma sociedade diferente – eis aí a antítese verificável no centro hipotético da exposição. A confluência intercambiável exogâmicas no meio do território” (KRUGUER, 2003, pg. 19)

Essas heranças greco-romanas transitam no Brasil de diversas formas, principalmente quando se trata sobre histórias mitológicas e lendárias. Tais heranças funcionariam como suporte dentro da história para o percurso quanto à relevância do mito.

O mito na Grécia Antiga foi modificado e mais a frente foi sistematizado. Mas, chegando ao Brasil, veio com uma perspectiva a qual não teve muita mudança. Essa mudança do mito aponta para a riqueza dessa sistematização que se vinculou ao tempo para melhor conduzir a valorização das histórias.

“É significativa a distinção feita pelos indígenas entre às “Histórias verdadeiras” e as “Histórias falsas”. Ambas as categorias de narrativas apresentam “histórias”, isto é, relatam uma série de eventos que se verificam num passado distante e fabuloso” (ELIADE, 1994, pg. 15).

A autora dá a sua contribuição acima da valorização das histórias para os indígenas como significativa por apresentar uma distinção entre histórias verdadeiras e histórias falsas. Porém, ambas as situações apontam para vários acontecimentos em que fazem jus a um passado longínquo e fabuloso.

As histórias narradas naquela época eram diferentes como narradas atualmente. Essa sistematização gerou uma verdade, pelo fato de ter apenas um esqueleto dentro das narrativas orais. Em contrapartida, a cultura brasileira apenas recontou as histórias na medida em que vinham surgindo com o tempo. “A cultura é a criação coletiva de ideias e símbolos e valores pelos quais uma sociedade define para si mesma o bom e o mau, o belo e o feio, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso/ sagrado e o profano, o espaço e o tempo” (CHAUI, 2000, pg.61).

A autora deixa evidente como a sociedade trata de sua cultura, pois parte dela toda a sua contribuição com relação ao que vem abordar em cada ponto da cultura para os demais perante a sociedade. Sendo intitulada como boa ou ruim, sagrado ou profano, as características feitas de uma era não são totalmente modificadas pelos atuais, são revividas e até mesmo quem sabe com mais ou menos importância quanto a sua valorização.

Um dos primeiros exemplos apresentado por Krüger no livro “Amazônia: Mito e Literatura” é a reflexão que a história que naquela época supostamente aconteceu e que hoje se transformou em divindade. “Muitos deuses ou heróis matadores de dragões transformaram-se em S. Jorge” (pág. 49). Com base no estudo do pesquisador, é evidente que ao chegar ao Brasil, foi movido diretamente para a religião. Sendo que, mesmo com o nascer da cultura greco-romana, o Brasil, obviamente já fazia parte de uma cultura.

A religião está dentro do aspecto mitológico e lendário por fazer parte da vida do ser humano, a qual ele precisa crer em algo e cultuar para que na sua concepção haja motivação e justificativa da vida. Tanto que, outro ponto além da transformação de São Jorge, de mito, para a religião hoje é cultuado como Santo e reconhecido nas religiões, Krüger trabalha uma ideia gerada com base em todo esse processo explicativo de evolução dos elementos divinos para o aspecto da condição humana.

“No que diz respeito às demais religiões, populares da Europa, a Igreja teve de assimilá-las, ainda que parcialmente”. Por isso ela acabou cristianizando “as Figuras divinas e os mitos ‘pagãos’ que resistiram à extirpação.” (...) O

catolicismo nada assimilou dos mitos amazônicos; inverso, porém, aconteceu frequentemente, como se pode constatar em diversas narrativas coletadas. (KRÜGER, 2003, pág. 48).

Esse contexto explica como a cultura greco-latina está presente dentro da cultura brasileira, sucessivamente dando continuidade a outros aspectos da sociedade. Em vista que esses aspectos religiosos foram um dos primeiros surgimentos para a continuação de um novo processo não só de desfiguração e personificação das coisas, como também a formação de um processo de novas técnicas, econômicas e demográficas principalmente, que trata desse período de transição.

Dentro desse cenário religioso cívico, Krüger (2003) faz uma analogia ao tratar da imagem da Virgem Maria, desde essa época, já é apresentado personagens que hoje fazem parte de um período histórico-social atual transcendente de um passado presente.

“(…) O nascimento *sine concubitu* do deus, em analogia com a virgindade de Maria. Segundo uma versão coletada também por Câmara Cascudo, “Jurupari é filho de Ceuci, virgem Tenuiana que comeu a fruta *Pihycan* sem notar que o sumo escorria por suas partes mais íntimas”, tendo, em consequência dessa desatenção, concebido o futuro legislador” (Krüger, 2003, pq. 157).

A ideia abordada é uma sistematização de acordo com o surgimento do mito entre as diversas categorias, visto que essas práticas já estavam ligadas de fato desde a Grécia Antiga como forma de condução e imposição para a mesma. A Igreja Católica já estava se tornando apta em exercício ligada aos ritos como forma de sacramento em atuação do próprio colonialismo.

Esse estudo etnográfico cultural é o sustento para a pesquisa sobre a união de culturas. Sendo evidente que hoje algumas figuras apresentadas dentro da cultura brasileiro-amazônica, já foram visto de alguma forma há uns anos.

Essa cultura que antes era oral passou a ser também escrita, entre tantos livros, destacamos dois que fazem parte da literatura brasileira que trazem as questões mitológicas e sociais, *Macunaíma* e *Iracema*. Ambas com mesmo esqueleto, sem transformações nos seus aspectos na construção de figuras emblemáticas tanto dentro da narrativa quanto fora em atuação na vida do ser humano em relação aos mitos e lendas.

Mário de Andrade traz como referência ao assunto Brasil-Amazônia no reflexo do livro *Macunaíma*, a valorização local-ambiental que se faz bastante presente e de grande instrumento quanto pano de fundo para artifício alegóricos dos mitos e lendas brasileiros. Visto que a obra se passa no espaço geográfico brasileiro e amazônico, foi e é de suma importância para a elevação da personagem trata dos aspectos principais de

uma cultura. “Uma obra como Macunaíma, de Mário de Andrade, tem, reconhecidamente, o ponto de partida num herói pertencente à mitologia de povos primitivos do rio Branco, afluente do Negro” (KRUGUER, 2003, pg. 11).

Krüger além de fazer uma crítica à sociedade brasileira, na qual não está no mérito da pesquisa, mas assim como o escritor da obra faz com que essa cultura desde seu núcleo populacional decaia quanto também se exalte nas suas questões particulares e peculiares das crenças de um povo. Por isso é explorado com atenção e narrado com cautela uma das crenças que fazem parte “muiraquitã”. A pedra com o formato de um sapo, na qual o tempo e espaço da narrativa são transcorridos a partir da procura do cordão.

“Cultura popular é entendida pelo autor de Macunaíma e pelo autor do Manifesto Antropológico, (...) como uma expressão de sensibilidade Tupi, articulado em lendas, mitos e ritos” (BOSI,1992, pg.14). Trata-se das características do folclore que o autor transborda sobre assunto mitos e lendas. Com uma nova roupagem e intertextualidade, é repassado ao leitor quanto a esse reflexo sobre a cultura, uma nova fulguração de sentidos, que eram e estão a mudar o conceito conforme o passar do tempo de uma geração para outra e também entre vários tipos de olhares e visões sobre o entendimento quanto à expressão de diferentes culturas.

Assim como Mário de Andrade, José de Alencar também trabalha essas figuras míticas dentro do contexto brasileiro. Exaltando a particularidade de uma nação que carrega uma bagagem de significados sobre a cultura brasileira, mesmo dentro da literatura.

Também no livro *Iracema*, percebe-se tais características de um herói que vem desde a Grécia, é visto um herói da mesma forma de como é visto Tupã na narrativa da lenda do Ceará. A personagem é apresentada pelo raio, como exemplo de existência entre os homens, visto como deus e protetor da floresta. Tupã, numa característica europeizada, é pai de todos e protege a todos que o respeita e o honra. Faz-se presente essas características como protetor de um povo, a qual faz parte de uma imaginação que fez nascer dentro da mitologia na antiguidade até os dias de hoje. É valorizado dentro da narrativa em rituais simbólico como se passa para a glória da salvação de certa cultura.

Valendo-se de um arguto mecanismo intertextual, histórias e personagens ao imaginário popular são revisitadas e revitalizadas no que ouvimos intitular “contos maravilhosos modernos”, haja vista a inserção de questionamentos

existenciais característicos de nossos tempos. Somam-se a isso as imagens mitológicas que surgem na tentativa de recuperar os arquétipos universais que aparecem na forma dos mitos (ACCAMPORA, 2016, pg.11)

Os mitos são apresentados na cultura brasileira de diversas formas e em diversos lugares do país, um deles que traz com uma forte bagagem sobre o viver o mito e lenda no Amazonas em específico. É através de seus festejos que se transbordam todo o conhecimento cultural de uma época para outra, principalmente dentro da cultura popular Parintinense, na qual circunscreve a festa do Boi-Bumbá.

Vale ressaltar que há uma diferença entre mito e lenda, sendo elas dentro de um folclore cada uma com sua característica.

“Lenda- Narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, no qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética. Mito- (mytho- gr = relato, fabula) narrativas dos tempos fabulosos ou heroicos. Narrativas de significação simbólica, geralmente ligada à Cosmogonia e referente a deuses encarnadores das forças da natureza e (ou) de aspectos da condição humana. Representação dos fatos ou personagens reais, exageradas pela imaginação popular, pela tradição” (PEREIRA,2001, pg. 8).

Conforme o estudo, podemos citar que há vários tipos de mitos dentro de uma sociedade, a qual não parte sobre de uma imaginação em transformação de seres inexistente ou surreais, como estão também em classificar através de símbolos a ideia de um povo em que se apresentam conforme o contexto atual.

“Antigamente, apenas a grande novela dos deuses e heróis gregos e romanos, conhecida como Mitologia Clássica, merecia a distinção de verdadeiros mitos”. Hoje o conceito de mito sofreu sensível mudança*, se ampliou, e a palavra adquiriu uma condição de adjetivo pomposo aplicado geralmente às pessoas de grande notoriedade, como é o caso, por exemplo, de Pelé, Charlie Chapim, Marlyn Monroe, Picasso e outros” (PEREIRA, 2001, pg.10).

Pereira faz uma análise sobre o mito em suas mais variadas transformações conforme o tempo, o autor tece seu comentário abordando o aspecto de antes para o agora evidenciando e exaltando características de novelas como feitos heroicos gregos e romanos que sofreram alterações tanto dentro de seus conceitos como o mesmo diz em suas condições de adjetivos.

Essa questão posta sobre a mudança do mito trata-se exatamente de heranças, não que o mito não tenha mais a mesma característica, até mesmo porque o mito e a sua classificação nos vem a remeter a Grécia Antiga, diferentemente, hoje atualizado, é visto como algo natural dentro de todas as condições humanas, não direcionada em específico para deuses com confluência em aspectos divinos, mas como idolatrarão de

algo que se torna além e chegar ao nível extraordinário, como o próprio exemplo do Pelé e entre outros que já podem e são de alguma forma também reconhecida.

Capítulo II

Raízes greco-romanas nas lendas Amazônicas na “Identidade Cabocla” de Alfredo Saunier

Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão

(Drummond de Andrade)

Dentro do livro se encontra o poema que trás a perspectiva no trabalhar as características lendárias e mitológicas desde a Grécia até a Parintina Amazônica, “Parintineida (poema do amor)” é um poema que justifica a passagem do tempo e a trajetória da literatura desde Camões até chegar a um autodidata Tonzinho Saunier, passando por diversas narrações das grandes epopeias.

Parintineida (poema do amor)

Dos Lusíadas, histórias dos portugueses,
através das viagens, das navegações,
da saga dos desbravadores,
narrou Camões.
Da Ilíada de Homero,
epopeia da conquista de Ílio
que antigamente era denominada
a cidade de Tróia.
Das Geórgicas, das Bucólicas,
da Eneida de Virgílio.
Classicismo: culto ao belo,
de narrativas épicas, fantásticas!
De Dante Alighieri,
o autor, o literato,
o sábio, o pensador.
Dom Quixote de La Mancha,
escreveu Miguel de Cervantes.
Da Ciropédia, de Xenofonte.
Com Castro Alves, o poeta dos escravos,
Estamos, ainda, “em alto mar...”
De Thiago de Mello,
o poeta da “Pátria das Águas”.
Dos “Filhos da Várzea”, de Aníbal Beça.
Dos “Poemas da Água e da Terra”, de Alcides Werk.
De “Parintina”, a morena ilhoa, de Souza Filho.
Saudade... Tenho “Saudade da Saudade”,
Desde que TONZINHO nos deixou...
Atravessou o rio e nos deixou
a vida em versos, de um caboclo sonhador .
(SAUNIER, 2013, p. 55)

O poema trás consigo um arcabouço explicativo de uma trajetória, o autor, explora uma espécie de Odisseia narrativa entre os literatos, que, desde Camões trás as

figuras emblemáticas de uma trajetória conquistada pelas letras, pelos pensadores e sábios. Da mesma forma, é abordada a trajetória do mito que se torna lenda, de lenda que se torna conto.

Temos como ponto de partida um *Mundo Caótico como Criação do Mundo* do livro “Contos e Lendas da Mitologia Grega” de Claude Pouzadoux, cujo são apresentadas algumas lendas divinas que de alguma forma sofreram alterações, mas que já estiveram presente há tempos.

No capítulo supracitado é dito que o ser humano precisar crer em algo, por isso faz-se presente do imaginário para o real; “a criação das coisas” para que o individuo ter que crer em algo. Mesmo que nessa “criação do mundo” não houvesse nada, era necessário que deuses existissem para a melhor condução do ser vivo com relação à sua cultura.

Assim, foram criadas as partes essenciais do nosso mundo. Elas só esperavam seus habitantes. Os astros e os deuses logo iriam ocupar o céu, depois, no fundo do mar, os peixes de escamas luzidias estabeleceriam domicilio, o ar seria reservado aos pássaros e a terra a todos os outros animais, ainda selvagens. (POUZADOUX, 2001, pág.07).

É dessa mesma forma que é representada hoje nos mitos e lendas amazônicos. A qual faz parte tomada de significados para ser humano. Assim como ouvimos através da literatura grega as histórias de Apolo e Poseidon, também temos no mundo contemporâneo dentro da narrativa amazônica as entidades que são conduzidas pela natureza, com a mesma essência, porém, com características diferentes.

Nos poemas de Alfredo Saunier é a base de uma estética que recepiona uma pratica histórica múltipla ao mundo, visto que a referencia dessas heranças é trazido de longe, de um berço mitológico o qual tende a multiplicar-se como uma nova fase cultural. “Identidade Cabocla” é a evidencia de um folclore social configurado pelos antepassados já vividos.

“A lenda explica qualquer origem e forma local, indicando a razão de um habito coletivo, superstição, costume transfigurado em ato religioso pela interdependência divina. O mito age e vive, milenar e atual, disfarçado noutros mitos, envolto de credices, escondido em medos, em pavores cujas raízes vem de longe, através do passado escuro e terrível” (CASCUDO, 1898, pg. 105)

Assim como os deuses dentro da mitologia grega tinham suas moradas celestiais, assim foi recepcionado ao Amazonas, também divindade que dividem em todo um ambiente trazendo características únicas de interesse ao ser humano.

Na Grécia Antiga a morada dos deuses chamava-se Olimpo localizado na Tessália, um local quem que todos se reuniam e se entendiam conforme a classificação hierárquica, cada um com a sua função.

“Os deuses tinham moradas distintas; todos, porém, quando convocados, compareciam ao palácio de Jupiter, do mesmo modo que faziam as divindades cuja morada habitual ficava na Terra, nas águas, ou embaixo do mundo. Era também um grande salão do palácio do rei do Olimpo que os deuses se regalavam, todos os dias, com ambrosia e néctar, seu alimento e bebida, sendo o néctar servido pela deusa Hebe. Ali discutiam os assuntos relevantes ao céu e a Terra” (BULFINCH, 2002 pág.10).

Dessa forma, o mito chega ao Amazonas como lenda, uma recepção transfigurada e classificada com novos sujeitos, elementos, linguagem e figura. Algumas de suas personagens semelhantes as das mitologias gregas que remetem as mesmas características, porém atualizada com uma nova versão cultural local.

Sendo assim, é com esse arcabouço que as lendas são vividas no Amazonas. As entidades presente em seu livro “Identidade Cabocla” é uma originalidade da cultura ocidental perpetuada. As figuras lendárias também apresentam seus lugares específicos, em que cada um é responsável por tal elemento, como o ar, fogo, água e terra.

Dentro dessas características, temos Febo Apolo, que traz como sua profecia a música. Reconhecida como lenda Yara, uma entidade que de masculino passa a Feminino, é com seu canto que também tem a profecia, uma sedução para a prisão.

Circe de belas tranças, deusa terrível de fala humana. Sentámo-nos a pôr em ordem o equipamento em toda a nau, que o vento e o timoneiro mantinham o seu caminho. (...)Primeiro foi o som das Sereias divinamente inspiradas e seu prado florido que nos aconselhou a evitar. (...) Vem até nós, famoso Ulisses, glória maior dos Aqueus! (...) Assim disseram, projectando as suas belas vozes. (HOMERO, CANTO XII, pg. 203 e 204)

São com divindades Gregas e Romanas dadas as heranças viajadas pelo mundo para o folclore brasileiro. Do mesmo modo que hoje são vistas, as Sereias na Grécia também tinha o mesmo estereotipo. No livro Odisseia, Homero trabalha com a questão dentro das façanhas infalíveis de Ulisses. Mesmo com todo o potencial voltado para um ser humano que alude aos deuses da Grécia, não passa despercebido ao canto das Sereias e também é atizado e vislumbra com o encanto e beleza.

Hoje repassado e recontado pelas letras, pela imaginação e convicção humana em adoração em todos os poderes célicos, se projeta a mesma imagem e elucida as mesmas artimanhas de sedução de um elemento feminino, como trata Homero sobre as Sereias. Por diante, se transfora e se reconfigura de acordo com as influências envoltas.

Como explica Eliade (1994) “A maioria dos mitos gregos foi recontado e, conseqüentemente, modificado, articulado e sistematizado por *Hesíodo* e *Homero*, pelos passados e mitógrafos. (...) Em outros termos, elas [as narrativas místicas gregas] se transformaram e enriqueceram no curso dos séculos, sob a influência de outras culturas superiores ou graças ao gênio criador de alguns indivíduos excepcionalmente bem-dotado”. pg. 10

Sob tais aspectos, o autor Alfredo Saunier elucida muito bem o viver amazonense, seu livro traz como seu prestígio a virtude de viver no Amazonas com uma cultura local que se originou de outras etnias. Toda a sua essência do livro é posta em uma vida que o caboclo renova com suas credences e no saber que somente o indivíduo sente ao tratar sobre lendas e mitos.

Esses aspectos dentro da narrativa escrita que leva ao leitor histórias que se tornam práticas no cotidiano são apresentados por um eixo repleto de significações que estão prontos a fazerem e se recriarem conforme a recepção leitora. Toda transformação mitológicas e lendárias, são vivas e recontadas com o mesmo valor. Meio a esse entendimento, evolui-se para as demais perspectivas literárias.

Alfredo Saunier apresentada a uma bagagem cultural etnográfica, no livro “Poética a arte de fazer verso”, tem também heranças mitologias, que se tornaram lendárias, e por essa recepção mais atual, é dada ao leitor de outra forma, através de rimas e versos, é narrado em fragmentos um novo entendimento dos elementos presente.

“A história da leitura é marcada por inúmeras tentativas de explicar as dinâmicas envoltas em seu processo de efetivação. Estudos com viés filosófico, teológico, hermenêutico, histórico, sociológico ou literário lançaram luzes sobre as diversas possibilidades de interação entre leitores e signostextuais”(SILVEIRA,pg127).

Através disso, toda formação produzida para um meio de justificativa dos costumes cultural e religioso, são caminhos para o leitor quanto indivíduo, para que ele

conviva e reflita com toda uma origem que vem sendo passada há décadas que atingem em um todo o seu papel e quais as suas transformações para o homem contemporâneo.

São com esses modelos primordiais que se encaixam como criação do mundo, supostas tradições que trazem significados para o surgimento do céu, da terra e de todos os fenômenos encontrados, encontra-se dentro dessa categoria uma de suas referências com relação a toda sua influência.

Para Cruz, o mito apresenta diversas categorizações que dão explicação para o seu início na terra e principalmente para os indivíduos. Sendo que o mito se distingue em duas estruturas, como mito cosmogônico e mito de origem o “*Livro de Genese* pertence à *Bíblia Judaico-Cristã*. Este relato sofreu influência Mesopotâmios durante o cativeiro da Babilônia, e foi cunhado à luz da Tradição Sacerdotal. Na cultura dos gregos, encontramos uma outra origem primordial de tudo, o *Caos*, de onde surgem *Uranos*(céu), princípio ativo, luminoso e masculino e *Gaia*(terra), princípio passivo, obscuro e feminino”.

Ao mito referido é ao mito de origem, são eles as explicações para a tradição e costumes que são aceitos e seguidos dentro da cultura. Como uma forma de representação, damos análoga referências cotidianas e cristãs voltadas para esclarecer o ponto inicial da criação das coisas.

Assim tendo seu papel útil para todos e principalmente para homem atual, que traz com base nessa estética e figuração visual e de sentidos uma nova forma para que permaneça constante no meio de convívio, como na literatura, religião, arte e manifestada aos conceitos filosóficos que abordam a cultura, crenças como a etapa central do decorrer evolucionar sobre a origem dos mitos.

Capítulo III

Lendários Amazônicos e a exaltação das palmas e dos cantos: Folclore Parintinense

O mito passa ao estado de lenda e a lenda se torna conto

(Luis da Câmara Cascudo)

As representações mitológicas em Parintins são feitas através de danças, rituais, símbolos e até mesmo indumentárias (artesanais). Pois, é no passo dois pra lá e dois pra cá e no compasso da toada que faz a alta revelação de uma cultura.

As toadas dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido no período do Festival Folclórico de Parintins¹, faz com que se concretize todo viver caboclo e ribeirinho. “A toada é o canto da floresta, dos rios, das tribos dizimadas, dos costumes, a toada é como a Amazônia, quem não a conhece, não a entende, tenta modifica-la ou moldá-la de acordo com os interesses, assim como fizeram os colonizadores” (Pimentel *apud* Cardoso, 2013, pg.28).

São representativas em todo o seu aspecto lendário/mitológico, como exaltação as toadas e as danças ultrapassam uma tradição reveladora por inteira. Os elementos da floresta e dos rios se tornam as personagens principais para expressá-lo o vivenciar do sobrenatural. Com toda sintonia, ritmos e rimas, elas são contadas de forma encantadora para o meio fantástico ocidental. Temos como exemplos do viver parintinense na musica folclórica “A festa do boto” de Adriano Aguiar, Geovane Bastos e Michel Trindade, 2015.

Um barulho, um festejo, o suor de uma mulher
Numa noite de desejo, no assobio que vier
Vem de léguas, de rebojos abissais
Vem no sonho das caboclas dos beirais
Vem como pororoca, vem como cobra grande
Vem pra te encantar
No mergulho sombrio as águas relevam
Um mundo estranho
Iaras chamam por ti
Dançam desnudas, ninfas, arraias
Tocam trombetas, homens, crustáceos
e peixes

¹ A partir desse momento referiremos ao Festival Folclórico de Parintins apenas por Festival.

Vem sentir a voz rouca das águas
Vem dançar no balé dos cardumes
Guelras, barbatanas, escamas
A cabocla, o beijo, o amor, se entrega ao boto sedutor
No castelo serpente vai dançar
Escadarias boiúnas que guardam o palácio
Pilastras de conchas corais sustentam o reinado
Do mestre dos peixes o senhor dos seres aquáticos
Vem, tem festa de boto, tem o amante da noite
Mascarado de sombras vem te amar
No encanto do boto vem dançar.

É com sabe nesse enredo que se releva o soar que contagia alegria e transborda no corpo o dançar, cantar e as palmas que contagiam e denuncia uma criação ancestral que perpassa a todos os povos na glorificação superficiais lendárias evocadas no sangue da cultura parintinense. As agremiações dos bumbás Caprichoso e Garantido rodopiam nas próprias crendices e histórias fazendo assim o valor figurado do viver e saber ser caboclo e ribeirinho. Por isso é válido dizer que “A memória traz em si, nos dias atuais, todo um processo de transformação pelo qual passaram as sociedades de hoje. As toadas de boi-bumbá refletem esse processo de transformação” (CARDOSO, 2013, pg.34) sendo elas lendárias, mitologias, ou até mesmo histórico.

A crença em si está envolvida em todas as histórias e são revividas com o mesmo significado de exaltação. Como nos sacramentos católicos, o indivíduo vivência a sua experiência através de todo um ritual, que podemos dizer que é representado meio ao seu âmbito uma forma de “ressuscitação”. Há religiões que exploram desse fascínio pelo lado místico que se desenvolvem novos e mais preceitos ligados aos mitos e lendas.

“Canto e danças são mantidos em seu caráter primitivo, inseparável e siamês. Portugueses, africanos e indígenas tiveram danças cantadas e coletivas. Danças sem espectadores. Sem assistência. Todos os presentes participavam, cantando, dançando, batendo palma” (CASCUDO, 1898, pg.37).

Muito dos mitos que aqui foram recepcionados como lenda se tornou como um fundo principal cultural de um caráter folclórico social parintinense. Estes já faziam parte e eram representados nas religiões pagãs, sendo assim, adotando-se para a religião cristã e renovando os aspectos primitivos portugueses e índios.

“A Dança Folclórica/Tradicional, como conhecemos, chegou ao Brasil com os colonizadores portugueses (e ibéricos), de acordo com os ciclos econômicos que se sucediam conforme o crescimento territorial, como também com novas descobertas ou necessidade para subsistência e desenvolvimento rural ou urbano” (BONETTI, 2015, pg. 16).

Seguindo esse ponto de vista, a pesquisa realizada sobre a dança atual tradicional ou folclórica brasileira tem em si a estética europeia que tem como forma e simbologia

cada movimento articulado nas mãos e nos pés. É esse o perpetuar de uma história, de uma crença que nasceu no berço da Grécia, se estendeu, colonizou e hoje se faz muito presente na vida coletiva ou individual de cada indivíduo. Sendo vista então como um papel fundamento sobre o que vem ser cultura, dentro dela a delimitação como componente o folclore que move suas tradições também particulares.

São evocados nos festivais folclóricos assim como eram evocados nas cerimônias greco-romanas para a atualidade, essas cerimônias que são trazidas como mitos que passa para lado do contexto lendário e se torna conto. Para Cascudo (1898 pg.104) “Invertendo os termos : - um conto popular é fragmento ou material total de uma lenda, esta de um mito primitivo”. Visto que essa evolução chega ao seu extremo e narrado escrito, não mais como lendas, mas sim como conto. Contos que quem conta é Alfredo Saunier em seu livro “Poética: a arte de fazer verso”. Seus contos é a pura revelação de uma transformação expressa e distinta que advém através das heranças greco-latinas para o alicerce cultural religioso e cultural.

3.1. Lendário/mitológico

3.1.1. Cobra-grande

O mito ou lenda da cobra grande pode ser encontrado em diversos lugares do mundo ocidental, principalmente em ilhas. São destacados, São Luís do Maranhão, Belém, Itacoatiara e Óbidos, como o próprio poeta dá exemplo em seu poema. Sabemos também que toda essa representação da cobra grande não há datas marcadas que deem seu surgimento na terra, porem, há temos desde o tempo a. C.

Como de fato o nascimento das coisas também fez seu papel dentro do cristianismo, temos cujo exemplo se destaca desde um período histórico marcante, que se apresenta desde os tempos a simbologia da serpente em *Êxodo 7:8-10*, a *Primeira praga diante do Faraó*.

E o Senhor disse a Moisés e a Arão: Quando Faraó vos disser: Fazeis alguns prodígios: dirás tu a Arão: Pega na tua vara, e arroja-a diante de Faraó, e ela se converterá em cobra. Tendo pois, entrado Moisés e Arão a Faraó, fizeram conforme o Senhor havia ordenado: e lançou Arão a vara diante de Faraó e dos seus servos, a qual se converteu em cobra

Partindo dessa premissa bíblica, temos como primeira visão, ela sendo apresentada como um dos milagres que Senhor deu a Moisés e Arão, para protegê-los,

ordenou para que quando Faraó o enfrentasse, de imediato jogasse sua vara. A cobra sendo uma das primeiras pragas que surgiram ao povo hebreu. Em sequencia desse entendimento temos sua força ao derrotar engolindo o dragão que Faraó lançou a Moisés e Arão.

Pode ser apresentada como uma de suas características pela sua artimanha e ferocidade que se eleva a um ser divino. “Mandou vir, porém, Faraó os sábios e mágicos: eles fizeram também outro por meio dos encantamentos egípcios e de certos segredos. E lançaram cada um deles a sua vara, as quais se converteram em dragões: mas a vara de Arão devorou as varas deles”.

É com base nesses aspectos que se dá a alusão sobre a serpente nos dias atuais, um animal temido por todos, que está voltada para uma figuração de força, astúcia e velocidade. Por isso a questão sobre o surgimento da serpente no tempo dos povos hebreus e egípcios originasse com outros feitos a sua origem para as lendas mitológicas Amazônicas.

A analogia sobre a vara de Moisés e Arão para Cobra Grande é justamente quando as personagens bíblicas depois da passagem estendem as mãos sobre as águas como forma de agradecimento.

Disse também o Senhor a Moisés: Toma a tua vara, e estende a tua mão sobre as águas do Egito, e sobre os seus rios, e ribeiros e lagoas e todos os lagos das águas, para que se convertem em sague: e haja sangue em toda a terra do Egito, assim nos vasos de madeira, como nos de pedra.

Por mais que nesse fragmento explicita outra questão, em análise, a Cobra Grande está nos rios, nos lagos, e por si, este ato sobre as águas, podem ser vista como um novo nascimento ou criação da cobra sobre os rios. A qual é apresentada nas lendas amazônicas, como Cobra Grande, temida por ribeirinhos e caboclos da Amazônia. “Os peixes também, que há no rio, morrerão: e as águas se corromperão; e os egípcios, que beberam a água do rio, serão afligidos” De alguma forma, pode ser representado como de uma das primeiras pragas e hoje, o que o homem contemporâneo recebe como pegado. E por este seguimento é elucidado as características sobre a lenda, como protetora dos rios.

Boiaçu, boiuna, boitatá
Cobra do mato, cobra- d'água.
Da sucurijú, o abraço.
Da surucucu, o veneno.
Cobras grandes que flutuam,
Parecendo navios, iluminadas.

Maria caninana e horonato.
De Parintins e Óbidos
Que se dizia serem inimigas.
E até hoje brigam...
Cobra-coral, cobra-cipó.
Cascavel, jararaca-dos-brejos.
Amazônia das lendas,
Da floresta encantada,
Da aquarela d'água
Que serpenteia
Como cobras grandes!
Mãe dos rebojos medonhos!
Das profundezas ocultas!
(SAUNIER, 2016, pág. 54 e 55)

Segundo Pereira (2001), a lenda da cobra grande já vem de uma tradição antiquíssima. Dessa forma se explica a imaginação e acontecimentos de determinada época, por mais que tenha estudos, a lenda da cobra grande já vem sendo contada há séculos, os antigos apenas recontam aquilo que já se foi criado pelo homem e aquilo vem a justificar de alguma forma critérios que servem como conduta para o mundo.

Sendo assim, a lenda da cobra grande está presente em algumas regiões que são criadas ou reinventadas para justificar alguns acontecimentos também que acontecem na região Amazônica.

Cobra grande, também conhecida dentro do folclore brasileiro como Boiuna, é chamada assim pelo seu tamanho enorme e temida pelos ribeirinhos e caboclos, o lenda trata de uma serpente que vive no fundo dos lagos e igarapés, uma de suas artimanhas malignas é atrair os pescadores para seu alimento. Esse é apenas uma de suas historias, como também hoje já está atualizada para jovens, que tratam da lenda como amigo dos ribeirinhos e caboclos.

Uma das histórias narradas oralmente em Parintins é como o próprio surgimento da ilha, a qual se destaca que debaixo da ilha, estão as principais partes da cobra, chamada também de anaconda. Diz que todos esses anos ela esta dormindo, mas ao acordar irá destruir a cidade. Como reza a lenda, que sua cabeça está embaixo da Catedral e seu rabo está na Cidade Garantido (relato oral). Dentro dessa característica, eis a explicação do surgimento da ilha do meio, que surge no meio do rio Amazonas, dizem os mais antigos, que é uma forma sobrenatural de atrair turistas e até mesmo pessoas que aqui ali vivem, por ser um lugar atrativo diferenciado que vem acontecer poucas vezes ao ano.

3.1.2. Lenda do Caipora

Caipora conhecido também como Caiçara, sendo ele protetor da caça e das matas. Um dos guardiões da floresta assim como Tupã. “O caipora é um anão muito poderoso e forte, de cabelos vermelhos, com pelo e dentes verdes.” (PEREIRA, 2001, pg 30). O mito do Caipora remete em outras regiões do Brasil dentro do folclore brasileiro como o conhecido também Curupira ou Caapora. Muito conhecido no norte e também muito bem representado como pai da mata.

É apresentado como figura demoníaca como para Padre Anchieta em 1560. Ou seja, é uma de suas características que trazem através de um discurso escrito um teor verdadeiro. A carta bem dizia: “Aqui há certos demônios, a que os índios chamam Curupira, que os atacam muitas vezes no mato, dando-lhes acoites e ferindo-os bastante” (PEREIRA, 2001, pq.33)

Habitante do mato.
Azarento: tem sorte madrasta!
Meio bicho, meio índio.
Vive montado num porco-do-mato.
Assemelha-se ao Curupira:
Baixinho, peludo,
Presepeiro, ligeiro.
Protege os animais da floresta.
Quem quiser caçar tranquilo,
E não ficar “variado”,
Nem perdido na mata
Com o Caipora,
Tem, sim, que fazer pacto!
Deixar um pouco de fumo,
Embaixo de uma árvore.
Assim, se resolve o caso.
Desconjura quem o desafiar!
É malino e vive nas encruzilhadas
Cavalga por vales, campinas e estradas,
Fazendo picadas,
Num rumo sem rumo.
É assombroso!
Parente do Curupira
Amigo do Saci.
(SAUNIER,2016, pg. 40)

De acordo com o que a lenda apresenta, caçadores tem medo do Caipora, sendo assim há relatos de pessoas mais antigas, que nas sextas-feiras e dia dos Santos, Caipora é mais ágil e mais violento.

“Os índios e caboclos acreditam que prendendo um Caapora, ele é obrigado a conceder um ‘poderzinho’ ou atender a um desejo, em troca da liberdade. A

armadilha para capturá-lo e a isca utilizada consistem apenas numa cuia e aguardente. Derrama-se cachaça na cuia, que deve ser colocada num lugar onde ele já tenha aparecido, ou no local para onde tenha sido chamado previamente” (PEREIRA, 2001, pg.38)

Mesmo que essas sejam umas das façanhas como método para captura-lo, até então não há relatos e nem provas de que ele alguma vez foi pego, mesmo que algumas pessoas tendem a dizer que já o viram, e disseram somente essas características.

Também sem ter desvendo e sem nenhum achado, é válido falar a respeito e contar aos que ainda estão por vir, pois o mito e lenda são revividos e perpassados através das narrações orais e escritas.

3.1.3. Yara/Mãe d'água

Como muito bem conhecida dentro do folclore brasileiro, Yara é a representação feminina lendária, uma mulher cuja figura detona metade mulher e metade peixe trazendo uma beleza fascinante.

“Às Sereias chegarás em primeiro lugar, que todos os homens enfeitiçam, que delas se aproximam. Quando delas se acercar, insciente, e a voz ouvir das Sereias, ao lado desse homem nunca a mulher e os filhos estarão para se regozijarem com o seu regresso; mas as Sereias o enfeitiçam com o seu límpido canto, sentadas num prado, e à sua volta estão amontoadas ossadas de homens decompostos e suas peles marcescentes. Prossegue caminho, pondo nos ouvidos dos companheiros cera doce, para que nenhum deles as oiça” (HOMERO, CANTO XII PG 200)

Yara como seu dom, seu canto, a qual se junta com seu esbelto corpo, por si, enfeitiça pescadores e leva-os para os fundo do rio. É de importância não citar uma das pioneiras da Literatura Amazonense está Violeta Branca, e um de seus poemas é apresentado à questão.

Yara menina,
Pudera ouvir o teu lindo cantar!
Quem já escutou, jurou,
O quão maravilhoso ficou!
Muitos afirmam que a viram:
Corpo de mulher e peixe,
De escamas esmaltadas,
Leve e delicada,
Desliza a nadar
Nas aguas misteriosas
Do meu Rio-Mar.
Pudera eu,

Quem sabe,
Um dia, passear pelo teu corpo,
Sentir o teu aroma
E o gozo apurado
De um canto inebriante...
Viveria encantado
Entre reinos e calafrios,
Acabar-me num vai-e-vem...
Minha sereia, meu bem!
(SAUNIER, pág.154, 2001)

No seu livro “Ritmos de Inquieta Alegria”, temos como justificativa do porque Yara é uma mulher com calda de peixe. No poema “Minha Lenda” Violeta faz uma alusão à sua transformação inicial, a qual tem como modificação total vista como um castigo. Sendo assim, Yara traz uma concepção maligna, iracunda e perigosa.

Em seu poema, a autora dá detalhes de fulgurações não boas para a primeira transformação, dita “À sombra de um igapó escuro e parado, branca como as areias e as espumas, e mais triste que um gesto de adeus, com a forma de uma vitória-régia imensa, desmaiada de indiferença, eu florescia” (BRANCA, 1998, pg. 27). A sua simples fala “com forma de uma vitória-régia” nos remete a própria história, em que por escolha própria quis se transformar, vem a ideia do querer, contida de tristeza, de preferência e com indiferença, floresceu, denotando o renascer, o reviver através de transformações.

“Diz à lenda, que Yara antes de tornar-se uma sereia, era uma belíssima índia com bastante coragem e amava trabalhar. Yara destacava-se dentre os outros, era a melhor, assim, despertava a inveja de alguns da tribo, principalmente a de seus irmãos homens, que não aceitavam tal situação. Certo dia, eles tramaram a morte de Yara, todavia, como era bastante corajosa, matou seus irmãos e fugiu para a mata. Dias depois, a encontraram, e como castigo, atiram-na no rio Negro, os peixes levaram o seu corpo para superfície do rio sob a luz do luar foi transformada em uma linda sereia, desde então Yara passou a enfeitiçar índios matá-los afogados” (VANESSA, SANNY, pq. 3)

A visão proposta é de características narradas que relevam um dos elementos mais ávidos femininos, tanto como Yara transformando-se em mulher ou vice-versa. Como no seu último parágrafo e verso de seu poema. “– Não mereces mais a glória de ser Iara, Não ficarás aqui nenhum dia sequer. Vais receber o teu castigo... e transformou-me em mulher” (BRANCA, 1998, pg. 28).

E assim, a questão de sedução aos homens, a paixão terrestre e aquático interliga ao feitiço como uma das noções da personagem que é a mulher e sereia, isso também se torna relevante para uma das explicações da mutação metade mulher, metade peixe.

O mundo dos mitos e lendas traz através dessa alusão um significado para o homem atual, fazendo com que os acontecimentos ocorridos dentro da literatura influenciando quanto aos conceitos se materializam na versão experiência humana.

3.1.4. O boto

Diz à lenda que o boto persegue as mulheres, um de seus costumes é na tentativa de virar a canoas, isso quando há presença de mulheres menstruadas ou até mesmo grávidas. Constituindo que a histórias já vem sendo narrada com tabus e mistério sobre o próprio ser “mulher”. Visto que para os antigos e até mesmo para algumas pessoas da atualidade tem a continuidade de que quando a mulher está menstruada, é proibida de várias coisas, isso a faz fazer parte de um conjunto de memória e crenças vividas.

Uma dessas crendices é a questão que correlaciona com a lenda do boto. A mulher quando em seu período de menstruação, é proibido lavar a roupa na beira do rio, por atrai o boto, pode atrai também outros seres malignos que estão a se esconder debaixo dos rios e igarapés. Dessa forma, são automaticamente protegidas para que mal algum as faça passar por situações pavorosas de um encante.

Boto sonso, arteiro
Namorador faceiro navegador dos rios.
Conquistador das barrancas,
Dom Juan da Amazônia.
Muito esperto e presepeiro,
Esse boto apronta cada uma!
Sempre vestido de branco,
Tinhoso, charmoso e elegante.
No interior, parece sorrateiro.
E, nas sedutoras noites,
Malina das meninas-moças,
Engravidada e desaparece!
Um caboclo me contou e jurou,
Que viu, um dia, o dito boto,
Safado e cortejador,
Como uma cunhã,
No pavês de uma canoa, fazendo amor.
(SAUNIER, 2002, pág. 103)

Algumas pessoas da região não viajam de cascos e nem de embarcações pequenas quando elas fazem-se presente. Pois o encante do boto não está em somente conduzir a mulher para seu desejo, como também, pode paralisar e deixar sem força aqueles que também estão presente. Como um ótimo arteiro, ele consegue o que quer independente de qualquer circunstancia.

Quando isso vem acontecer, é necessário que depois da hipnose, os caboclos têm que recorrer para as ajudas mais propícia a estes casos, são procurados os pajés, curandeiros, ou pais e mães de santos para fazer a benzedura libertar a vítima que foi apanhada.

Essas características tão inabaláveis do boto que o animal acaba se tornando honroso dentro do mercado também. Pelo fato de que ele tem o poder da sedução, o boto às vezes é pescado para enxertar o mercado capitalista, tanto masculino como feminino, seus artifícios são utilizados para os agrados pessoais.

Da bota, é retirado o líquido de suas partes íntimas como forma de perfume afrodisíaco, usado por homens e mulheres que estão à procura de alguém, ou usam como forma de instigar o(a) parceiro(a) não só para relações sexuais como para amarrar e ficar com pessoa, o mesmo acontece com o órgão sexual do boto, é retirado e deixado no sol, utilizado para ralar e por dentro dos perfumes e cremes corporal que serve como atrativo.

Assim, é criada várias concepções com base dos conhecimentos de quem já viveu ou passou por algumas experiências lendárias desse mundo perpetuo de mistérios que se tornam essenciais na vida do ser humano. Dona Isabel narra muito bem o acontecimento ocorrido.

3.1.5. As Amazonas/Icamiabas

Com base na pesquisa Rocha (2014), a história das Amazonas já era bastante conhecida entre gregos, sua fama já era “dotada por Homero por volta do século VIII a. C” mesmo a lenda vinda com o teor de total realidade, segundo Rocha não há evidências de que realmente existiram, porém, a lenda narra que eram guerreiras de ótimas e exclusivamente mulheres habilidosas.

Partindo do ponto de vista grego, é possível notar que a lenda transcende de um mito. Um mito narrado na antiguidade sobre algumas que arrancavam os próprios seios.

“Uma das Amazonas mais famosas da antiguidade foi Antíope, que o herói Tese conquistou e tomou como sua concubina durante uma invasão. (...) outros nomes celebres incluem Pentésiléia, que se encontrou com Aquiles durante a guerra de Troia, e Myrian, rainha das guerreiras africanas” (ROCHA, 2014)

Desde os tempos antigos para o Brasil o nome Amazonas ainda vem sendo usado como a representação das mulheres aos seus combates de forma geral. Com a sua chegada, aqui trazem também outra versão que narra e justifica um novo tempo, sendo

então conhecida também como as Icamíabas como já foi citado no conto acima. No poema de Alfredo Saunier dá suas características como:

No Nhamundá, em suas margens
Morava as Icamíabas,
Guerreiras de lua e Canela,
Tanto mais belas que bravas.
Conori, rainha entre elas,
Com um sorriso reinava.
Ningém sabia o segredo
Que suas coxas contavam
Aos flancos de protos bravos.
Nos braços rijos carregam
os filhos varões nascidos.
Partem certos que venceram
e vão pelo amor, vencidos.
A lua guarda no ventre
uma guitarra de ouvido.
abre-se no ninho escondido,
voam pássaros de sono.
A solidão cai solene
como lençol de abandono.
E quando os guerreiros brancos
são só punhais as Icamíabas
No Nhamundá de outro sonho.
(Walcícler B. Ferreira apud SAUNIER, pg. 135)

São tratadas com as mesmas características, vistas por um grupo de mulheres sem maridos, que arrancam seus seios para que não as prejudique em suas batalhas. Tanto na antiguidade quanto no Brasil, elas ainda estão figuradas em um cavalo que dão um maior suporte de superioridade a natureza dos homens.

O mito das Amazonas sobreviveu por muito tempo no Brasil, o padre João Ferreira narrou na sua América Abreviada, segundo o qual as Amazonas, quando os homens iam maridar com elas, elas faziam de bucarro, que cai em um lago por onde elas viviam sem varões, elas não tinham os seios esquerdo para não prejudicar ao seu arco, e esta era senão uma fábula dos índios”(GRIZOSTE, pg. 129).

Para Gonçalves Dias a questão é posta somente como questão mitológico-lendária que sobreviveu e se adequou a região, até mesmo porque para si e para as demais informações, o autor deixa bastante evidente que não houve existência das Amazonas, mais sim teve consequência de uma idealização que deu vida e o surgimento de sua “existência” ao campo literário e transpassando aos mais diversos criação peticas que se fazem prevalecer e exercer como uma função perante a cultura literária revividas na prática popular.

A lenda hoje é viva para mais uma função de um papel contribuinte a ligação presente para a representação da mulher perante a sociedade. De qualquer forma essas

características das Amazonas ressaltam a mulher como lutadoras e poderosas que dão as tais formas ao desempenho ao mito ou lenda das Amazonas.

3.2. Folclore

3.2.1. Pastorinhas

As pastorinhas também estão encaixadas dentro um aspecto cultural folclórico brasileiro, sendo praticada em período natalino. As pastorinhas têm como características as representações ao nascimento de Cristo, por sua vez, esses aspectos foram postos por questões tradicionais de seu público.

“Mario Ypiranga Monteiro (2009) afirma que em 1913 tornou-se tradicional em Manaus assisti-las na noite de Natal e que todos os bairros da cidade apresentavam suas pastorinhas. O autor nos afirma, também, que a partir de 1917 elas se tornaram um dos espetáculos cênicos mais vistos em toda a cidade, permanecendo até o final da década de 1960” (*Apud Souza. 2011, pg. 8*)

Organizadas, as pastoras vestem-se com vestidos longos, sendo elas de cores azul ou branco, essas cores tem significado dentro do contexto, em expectativa religiosa, as Pastorinhas encenam o nascimento do menino Jesus. Ativando diretamente para seu público, fé em Maria ou mesmo em Jesus.

Assim elas são tratadas apresentadas, em um período que revela ao fies uma data especial. As personagens ilustram e fazem com a que a brincadeira de encenação se torne algo curioso e sagrado para aquele que tem a veneração e fé.

Por volta de 1914, aqui chegou,
Vinda, lá do Velho Mundo.
De Portugal passou pelo Nordeste, chegando à ilha dos Parintintin.
Citemos as pastorinha de Dona Geralda
E da tia Sila Marçal,
Que em 1923, ensinou a brincadeira,
Lá no rio Uaicurapá.
Na enseada do Mauricio,
A pastorinha trilhou todo o interior...
Pelo Andirá, Barreira,
Castanhal, Comunidade do Laguinho
E na Comunidade do Parananema.
Da pastorinha de Iza, da Santa Rosa, a de Dona
Maria Preta.
Das pastorinhas dos quatro cantos da ilha:
Da Comunidade do Aninga;
Das “Natalianas”, de Dona Francisca Katak;
Da “Pastorinha Filhas de Maria”
Da Rosimar (Mara), Siderval,
As “filhas de Judá”.

Do Gudú, a “Pastoral”.
São suas figuras principais:
A florista, o Galego, a Saloia
A cigana, a Pequenina, a lua,
A Rainha das flores, a Diana e a Estrela,
A Perdida, a Samaritana, a Camponesa,
O Caçador, a Baiana, a Abelhinha e a Sabina.
Essas quatro ultimas figuras,
Pelo folclore Parintinense, foram introduzidas.
(SAUNIER, 2016, pg. 115 e 116)

No próprio poema há descrição de sua chegada até Parintins, passou por vários, lugares, e como de costume, de Portugal para o nordeste, passando para o norte: Uaicurapá, Andirá, Barreira, Castanhal, e com as mulheres senhoras que dão ao fervor da dança o ensinamento.

Lá vem o pastor,
No cantarolar das pastoras
E das ovelhas perdidas.
O arcanjo Gabriel anunciou,
Que, hoje, é noite natalina!
A estrela, no céu, vai brilhar!
Vamos brincar de pastorinhas?
A lua surge, bela e serena,
Em honra ao menino Jesus!
“O NOSSO SALVADOR!”
(Saunier, 2016, pg. 117)

Em sequencia as personagens dão vida a sintonia natalina, surgindo a Camponesa junto do Caçador, em seguida a Pequenina chamando Diana, toda delicada chama Sabina e Saloia. E assim por diante, a Baiana, Rosa, Samaritana e Margarida, que traz junto das borboletas, às floristas, atraem as abelhas, que beijam e dão todo carinho e amor as flores. Todos muito bem vestidos atuam e encenam com o coração. Partindo daí, os seus cânticos que chamam outras personagens para o festejo ao nascimento de Jesus. Suas vestimentas longas, algumas de asas, ditos anjos, outras, extravagantes, essas que guardam o segredo, os ciganos não ficam de fora.

As cantigas começam, começam antes que o dia vá embora, o festejo viva as pastoras, viva ao menino Jesus começam. O pastor anuncia junto de seu cajado:

Lá, no ponente, escondeu-se o sol.
A noite vem tranquilas e pura.
O horizonte surge
Radiante e belo!
A amena lua, que, no céu, fulgura
Velai, pastoras, a aragem passa.
(Saunier, 2016, pg.119)

O pastor anuncia para a chegada de todos, por diante, a primeira personagem a anunciar a chegada de Jesus é o anjo Gabriel, dando continuidade as demais

apresentações cantadas, tudo se começa pelo céu, as Estrelas e a Lua, vibram com graça a chegada das pastoras. “Vamos todas as pastorinhas à Cidade de Belém, visitar Jesus na Lapa, que salvar o mundo vem” (SAUNIER, 2016, pg. 121).

As camponesas, Pequenina, Diana, Sabina, Rosa, Borboleta, Florista, Rainha das flores e Galegos, cantam explicando aos que assistam o que cada um vai fazer, em ritmo e versos, explicam sua função ao está ali e quais suas características presentes. Por ultimo e para fechar a noite natalina, tem um desfecho cântico da despedida das pastorinha.

Joguem flores, e vamos embora.
Não podemos demorar.
Nós vamos colher as lindas flores,
Para o Deus Menino ofertar.
Adeus, meu Menino.
Adeus, meu amor,
Até para o ano,
Se nós vivas formos.
(SAUNIER, 2016, pg. 128)

Temos como memória, um o primeiro cronista que se refere a celebração do Natal no Pará. “Padre João Felipe Bettendorf (1625-1698). de origem alemã, missionou na Amazonia do século XVII” (SAUNIER, 2016. Pg. 128).

Com alguns anos depois de ter surgido no Pará, em 1923 o ritual dramático com versos, cantos, poemas, danças no compasso instrumental na ilha continua. Hoje, em 2017 encontra-se modificado pela própria cultura parintinense, visto com novas figurações das personagens, alegorias visual, facial e indumentária também atual, musicas e narrações que o próprio participante pode explorar ao contar com devotos a narração em forma de hino, tudo isso transfigurado, porém com a mesma essência em repassar ao fies a chagada do menino Jesus a terra, para a importância existencial do ser humano é valido enaltecendo em revelação perante a religiosidade do viver de uma cultura que parte para o viver folclórica, que está a ganhar cada vez mais, atores principais e cenários importante para uma atuação, criação e imaginação do ser humano.

3.2.2. Quadrilhas

Segundo estudos de Bonetti (2015), a “Quadrilha” se origina na Corte da França que trás figuras emblemáticas e com designações históricas condizendo com o teor da época. Foi que passou e transformou como dança as reuniões festivas da Corte

brasileira. “Quadrilha, ou Contradança², que representava a dança rural dos camponeses, com algumas mimeses da Corte, que se tornou comum em meados do século XIX. Por sua vez, no final deste século, a Quadrilha da Corte deixa de ser a dança preferida dos salões aristocráticos do Brasil, tornando-se uma dança das camadas populares, executada ao ar livre, tanto na extensão do meio rural quanto na periferia dos centros urbanos, sobretudo na temporada das festas sazonais e da religiosidade popular” pg. 61 e 62.

Dança nobre conhecida.
Palaciana. Nascida
Nos bailes da realeza.
De origem francesa,
Virou dança caipira,
Dança nordestina.
Como em dupla se ordena,
Nas danças de pares
Que esbanjam alegria!
Na década de 70,
Com seus passos marcantes, “os cabras de
Lampião”
do seu Umbelino,
Existia a famosa quadrilha do “Gaponga”
Hoje, são dezenas a dançar, por aqui.
Sem esquecer os “filhos de hippie”, do folclórico
Codó.
“As fofinhas”, as “camponeses na roça”.
Os “mexicanos na roça”, as “caipiras na roça”
Os “originais do folclore”, “unidos do Itaúna”,
E a “discípulos de Shaolin”.
(SAUNIER, pág. 136, 2014)

Desta forma, é evidente que essas diferenças aconteceram conforme a recepção em cada região do país. Em evidencia que essa dança de cultura rural camponesa, chegou ao Brasil e logo se adaptou fora do salão para locais aberto, porem não perdendo o ritmo original e nem a sua vivacidade no dançar.

A autora muito bem específica do porque é denominado o nome “Quadrilha”, é justamente por ter uma visão de cima para baixo um quadrado e dentro desse quadrado é desenvolvida algumas figuras que se relacionam, segundo a mesma, associada à Geometria Sagrada.

“O momento da recriação das figuras e formas deu-se na corte Francesa, a partir da relação entre as danças tradicionais agrárias, sendo a principal conhecida como Contradança. Este fato surgiu no florescer das artes na Renascença, a qual estava impregnada por formas geométricas, que eram tendência naquele período”(BONETTI, 2015, pg. 63)

A quadrilha sendo então um dos aspectos culturais marcado pela difusão distinta por regiões que abordam diferentes nomes e alterações às suas figuras e passos com

² Dança campestre de origem inglesa, surgida no século XVII, e de larga difusão na França e na Europa; quadrilha.

significação para tal ordem, assim como o mito, lenda também tiveram e continuam tendo suas transformações, a ideia fundamental do folclore em si, é uma marcação local que esta a se diferencia e mudar, já que se introduz com base ao berço grego que ultrapassa seus limites e perpetua por diversos lugares agrupando novas fantasias, ideias e imaginação.

“A Quadrilha chegou ao Brasil através dos colonizadores europeus, como dança nobre dos salões da Corte de Portugal, assim como pelos portugueses, tanto da aristocracia rural quanto aos Açorianos, que vieram com suas famílias para cuidar da terra e desenvolver o cultivo da cana de açúcar e a criação do gado, nas primeiras décadas do século XIX” (BONETTI, 2015, pg. 59)

A dança é um de seus resultados como compreensão ao viver dentro de um cultivo evolucionar que condiz com o passado e futuro cultural humano, sendo coletivo e principalmente individual. Na atualidade temos a quadrilha conhecida como quadrilha junina por estar enquadrada nos períodos juninos brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os mitos transportam suas influências para todos os lugares, eles são apresentados de diversas formas e classificados conforme o passar do tempo. É necessário que dentro desse arquétipo mitológico se diferencie em conduzir para um receber a lendas e lendas para contos e contos para poemas, todos que de alguma forma repassam com o mesmo um intuito uma história já vivida, contada e recontada.

Tomo conforme o estudo um dos critérios debatido, a própria questão em identifica-los, sabe-se que há confusão entre os dois conceitos culturais. Mito, lenda, tem suas características distintas, mas que se liga para uma só função. A representação de uma cultura que herda desde seu conceito até suas mais justificativas sobre domínio e exploração histórico-sócio-cultural.

As heranças greco-romanas estão presentes em todo o território ocidental pela comunicação que chegou à oralidade e se conduziu para o papel do leitor, já com as características vindas a questão se alimentou das questões cultural de identidade ao se tratar de uma transformação coletiva e/ou individual que diversifica e registra através de uma fantástica imaginação humana que ultrapassa e se aplica como em um dos seus papéis evolutivos o crescimento particular da origem dos mitos.

São elementos que fazem o ser vivo acreditar no que se presencia, assim como os gregos e romanos acreditavam na chamada do Sol e da Lua por sua elevação divina, se transportou com outros conceitos através da recepção de vivência, recepção leitora e recepção cultural. As lendas são vistas também em adoração aos que delas vivem em seu mais diverso íntimo imaginário individual ou coletivo.

O perpassar do mito com os anos, mudou sua classificação, evidenciando que se torna apenas referente à mitologia grega, como de fato o lugar do seu surgimento ao mundo, o berço grego e romano, responsáveis pelo nascimento e origem dos mitos. Não que a sua função não seja mais a mesma, mas sim, apresenta várias diversificações sobre os seus importâncias nos dias atuais.

Essa importância ainda nos leva até a Grécia, como de fato é para onde se deve ir, um berço ideológico para a humanização e a sua necessidade divina que dividiu, espalhou e se multiplicou estendendo para a América Latina e hoje lembrada mesmo metamorfoseada, explícita e recorrente na vida do ser humano.

Sendo ele classificado como mito, de tudo, e de coisas, hoje envolvendo a pessoas comuns, diferentemente da lenda. Que através de toda essa trajetória, a nação brasileira recebeu e adotou com lenda, pelo fato de terem transcorrido de forma oral, tomou outra estrutura de conhecimento em diferenciação do mito, para mais uma agregação cultural.

Estando então, hoje no folclore brasileiro tem sua evolução com base dessas heranças que estão sempre a evoluir e mudar da mesma forma de como passada e recebida. Da mesma forma estamos a continuar com esse aspecto evolutivo cultural, tanto que do mito deu-se a lenda e da lenda cortou-se conto, contos que são contados diariamente, sendo eles curtos ou longos, de face real ou fantástica.

A pesquisa foi uma busca do passado com o futuro, e o que a contemporaneidade traz de atual, por mais recente que seja as lendas, contos, as fábulas, todos já vem sendo transformados desde os tempos romanos e gregos.

Pois de fato, o mito, do cosmo, para a lenda futuras, são estruturas apenas atualizadas, como um dos fatores principais para que a cultura enográfica avance e não perca sua essência de contar e recontar, ler e ter em prática é literatura, os estudos, e a própria vivência, que parte do teor individual e coletivo as convicções reais ou extras-espaciais, que surge e vai além da imaginação.

De importância que os relatos se multipliquem e perpassem de geração para geração, de fato, o que mobiliza a concepção empírica dos indivíduos entre a sociedade, são as vozes vividas e experientes, que trazem de carona uma fulguração e sentidos e imagens para os demais povos.

Por fim, foi com o intuito na realização do trabalho sobre as heranças greco-latinas “origem dos mitos” para trazer um legado desde a antiguidade para os dias atuais, e de extrema importância para ambos os lados, empíricos ou científicos, religião, crenças atuais, folclore e em volta de toda a sua etnografia cultural. O mito está vivo, perduram nas lendas, nas narrativas, nas pesquisas e no fascínio de homens com heróis, que dão voz, canto, embalo, forma e força para a humanidade que povoa em diversas imaginações para o viver e crer nas ressuscitação divinas que influenciam em aspectos gerais no hoje, com uma utilidade de interesse inabalável ao não deixar morrer as suas origens primordiais sobre o que é, e o que se faz tornar cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCAMPORA, Giselle Roza. Intertextualidade, mito e simbologia nos contos maravilhosos de Marina Colasanti, 2016.

BARROS, MORAIS BARROS, Vanessa Tatianne da Silva Barros e Sanny Mielly Almeida de Morais Barros/ A lenda da Mãe d'água e Yara no imaginário da arte popular. III CONEDU- Congresso Nacional de Educação.

BERNARDES, Elizabeth Lannes Bernardes. Jogos e brincadeiras tradicionais: um passeio pela história

BÍBLIA SAGRADA: Nova tradução na linguagem de hoje. Barueri (SP) : Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: companhia das Letras, 1992. p. 308-345.

BRANCA, Violeta. Ritmos de Inquieta Alegria; organização e estudo crítico por Tenório Telles. 2º ed. rev. e aum. Manaus: Editora Valer, 1998.

BULFINCH, Thomas, O livro de Ouro da Mitologia – historias de deuses e heróis.

CARDOSO, Maria Celeste de Souza. Cancioneiros das toadas dos boi-bumbá de Parintins. / Maria Celeste de Souza Cardoso, - Manaus: UEA, 2013.

CASCUDO, Luis da Camara, 1898 – Literatura Oral no Brasil / Luis da Camara Cascudo, 3. ed. – Belo Horizonte: Ed. Itatiaia ; São Paulo : Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo, Ática, 2000, p. 161-3.

CRUZ, Marcelo Silveiro da Cruz. Mitos – suas origens e sua importância para o homem contemporâneo. Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Souza” Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

ELIADE, Mircea. Mito e realidade, 5. ed. 1907

GRIZOSTE, Weberson Fernandes Os Timbiras: os paradoxos antiépicos da Ilíada brasileira Faculdade de Letras Universidade de Coimbra 2013.

ODISSEIA, Homero. Trad. Frederico Lourenço, Lisboa. Cotovia. 2010.

KRÜGER, Marcos Frederico. Amazônia e Literatura/ Marcos Frederico – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2003. 320p.

PEREIRA, Franz Kreüther. Paineis de lendas & mitos da Amazônia. Belém: Academia Paraense de Letras, 2001 (monog. Policop.).

PEREIRA, Maria Antonieta Pereira/ Lendas e mitos do Brasil Coord. Ed. Maria José de Castro Alves. Belo Horizonte – 2007.

POUZADOUX, Claude, “Contos e lendas da Mitologia grega / Claude Pouzadoux; ilustrações de Frederick Mansot; tradução de Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SAUNIER, Alfredo. Identidade Cabocla; revisão Tony de Saunier, Parintins: Edição do autor, 2013.

____. Poética: a arte de fazer versos. Parintins: Gráfica e Editora João XXIII, 2016.

SILVEIRA, Fabricio José Nascimento da Silveira / A estética da recepção e as práticas de leitura do bibliotecário-inexador

SOUZA, Elma Nascimento de. “Na batida do cajado”: As pastorinhas de Manaus. Elma Nascimento de Souza /Manaus: UFAM, 2011.

TRINDADE. Liana Sálvia. **LAPLATINE**. François. O que é imaginário. São Paulo; Brasiliense, 1997. – Coleção Primeiros Passos; n. 309)

OBRAS CONSULTADAS

ALENCAR, José de. Iracema/ José de Alencar. – Manaus: Editora Valer, 2010.

AURELIO, O mini dicionário de língua portuguesa. 4ª edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7ª impressão – Rio de Janeiro, 2002.

COELHO. Maria do Carmo Pereira. **As narrações da cultura indígena da Amazônia: lendas e histórias**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2003 (tese policop.).

MONFARDINI, Adriana. “O Mito e a Literatura”: **Terra roxa e outras terras, -Revista de Estudos Literários 5** (2005) p. 50-61.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à Literatura Fantástica. Tradução do Francês p/ espanhol: Silvia Deply. 1ºed. 1980, 2ºed 198.

VERNANT, Jean-Pierre,1914 – Mito e religião na Grécia antiga; tradução Joana Angélica D’ Avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

WEBGRAFIA

FABER, Marcos Emilio Ekman Faber www.Histórialivre.com-lendas da origem da Roma Antiga- História livre.

ROCHA, Leonardo. Mulheres guerreiras: as mitológicas Amazônicas realmente existiram? Publicado em 11 de julho de 2014.

Sobre o autor

Alfredo Jorge Cardoso Saunier nasceu em Parintins (Amazonas) no dia 03 de fevereiro de 1.960. Filho de Antônio Pacífico Siqueira Saunier – Tonzinho Saunier e de Maria Miracema Teixeira Cardoso Saunier. É casado com Maria Francineide Rodrigues Saunier e desse enlace nasceram os filhos: Tommir, Tãnmya e Tãnnya. Fundou juntamente com os amigos o Instituto Geográfico Histórico de Parintins (IGHP) exercendo cargo de tesoureiro. É Técnico em Contabilidade desde 1978 e Técnico em Serviços Públicos pelo CETAM (Centro Tecnológico do Amazonas onde se formou em março de 2013). Tem vários artigos e poemas publicados nos jornais de Parintins como também recentemente lançou um folheto mensal que fala sobre a nossa cultura de poemas e histórias do nosso povo.
